

“AS CORES DELAS PARECEM ALIENÍGENA”: OS INSETOS COMO TEMÁTICA VIVENCIAL E ARTÍSTICA COM CRIANÇAS DO INFANTIL V B

Leandro da Silva Pereira Junior, Mestre em Educação, Pedagogo e Arte-educador
Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza - CE, Brasil,
Professor/Educação Básica/SME/Fortaleza
leandro.junior@educacao.fortaleza.ce.gov.br

Maria Vilany de Abreu dos Santos, Mestranda em Artes, Pedagoga
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza – CE, Brasil,
Professora/Educação Básica/SME/Fortaleza
vilany.abreu@educacao.fortaleza.ce.gov.br

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar um conjunto de experiências vividas por uma turma do infantil V, de uma escola pública do município de Fortaleza. A partir da observação de uma criança, ao notar insetos no parque, no momento destinado às brincadeiras e às interações na área externa da sala referência, constituímos um conjunto de ações, dialogadas entre si, com o intuito de dar continuidade e ampliação, servindo como ponte de partida para a construção de novos conhecimentos. Proporcionar o contato com o ambiente natural favoreceu experiências sensoriais, investigativas e simbólicas, ampliando a curiosidade, a imaginação e a construção de vínculos com o meio. Aqui, a dimensão artística foi fundamental para que as crianças pudessem exprimir suas ideias e percepções. Nesse cenário, papel do educador como mediador sensível também foi importante para criar contextos significativos de aprendizagem. Por fim, consideramos fundamental a escuta e observação atenta ao que meninos e meninas, na Educação Infantil, têm a nos apresentar, servindo como fio para desbravar e desenvolver nos saberes, ideias e hipóteses.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Natureza. Estética. Crianças.

INTRODUÇÃO

O seguinte texto tem como fio condutor dialogar sobre um conjunto de vivências e experiências tecidas em parceria entre o professor e as crianças da turma do infantil V B, turno manhã, em um pré-escola pública, do distrito de educação 3, no município de Fortaleza. Essas



ações ocorreram entre os meses de março e maio, as quais estiveram encharcadas por diversas linguagens que tocam a arte, demonstrando um panorama de como as aprendizagens vão sendo despertadas no cotidiano da Educação Infantil e negociadas entre a infância e à docência (FORMAN; FYFE, 2016).

As ações que dão base à escrita reflexiva deste texto se originaram a partir de um movimento coletivo de três meninas em torno de uma experiência vivida em um dia de chuva no parque. Após o lanche, fomos para esse espaço externo. Lá, essas crianças encontraram um “pratinho plástico” que estava cheio de água e, dentro, tinha dois insetos que pareciam, para elas, estarem se “afogando”.

A partir disso, as meninas começaram a tentar criar estratégias para salvá-las da situação em que se encontravam, como quando uma criança diz “a gente precisa ajudar elas”, e outra fica admirada com as características físicas desses insetos, dizendo que “as cores delas parecem alienígena”.

Com essas percepções infantis carregadas de sensibilidade, estesia e cuidado, ali pude perceber um mote, um interesse surgido no cotidiano com essas crianças, para pensar em experiências que abordassem o espaço do parque, os insetos da natureza, os elementos naturais, entre outros.

Como é expresso na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (Brasil, 2017, p. 39).

Assim, junto com elas, e todas as crianças da turma, costuramos experiências que envolveram as linguagens da literatura, do desenho, da esculturação e da pintura, sendo caminhos que serviram para elas externarem seus pensamentos, saberes, hipóteses e teorias sobre o vivido (VIGOTSKI, 2018).

Aqui, a documentação pedagógica teve papel importante para organizar, refletir e discutir com as crianças sobre o que construímos (FOCHI, 2019), oportunizando-as a terem papel protagonista e participativo sobre os conhecimentos e saberes que vão sendo constituídos no dia a dia do espaço-tempo, no caso deste texto, pré-escolar.



Através deste recurso, pudemos dar tangibilidade às relações e aos interesses que vão sendo expressos e vivenciados, seja individual, seja coletivamente.

Ainda, conseguimos relançar o vivido, propiciando que as crianças retomassem o experienciado para que estas compartilhassem novos entendimentos e elementos do que aconteceu, refletindo e descobrindo outras percepções do que se desenvolvera outrora (FORMAN; FYFE, 2016).

Dessa forma, vamos agora nos debruçarmos sobre as discussões estéticas, poéticas e sensíveis manifestadas pelas crianças durante as ações que ocorreram no espaço potente da pré-escola, trazendo como centro os “achadouros” que meninos e meninas nos apresentam todos os dias, basta estarmos atentos em escutá-las.

A importância da natureza na primeira infância

A conexão da criança com a natureza é essencial para o desenvolvimento, especialmente na primeira infância. A natureza mostra-se como um ambiente rico repleto de possibilidades para vivências, considerando que é nessa fase em que as crianças constroem habilidades e conhecimentos. Segundo Valerio (2021, p. 412):

[...] a natureza é desejada pelas crianças e, por excelência, é um convite à aventura, um laboratório para investigações pela diversidade de nuances, cores, texturas, formas, cheiros, sons, temperaturas, sabores, pesos, tamanhos e infinitas possibilidades de exploração, investigação, criação, inventividade e transformações com seus elementos

O presente autor ainda destaca que o contato das crianças com diversos elementos provindos da natureza, possibilita uma fonte inesgotável de experiências brincantes e sensíveis que contribuem para a interação entre sujeito e o “ser natural”. De acordo com Pereira (2019, p. 44):

O encantamento do canto dos pássaros, das cores das flores, a variação das estações com seus ciclos, a multidão das formas que nos preenchem como parte de uma geometria fantástica através da qual simetrias e assimetrias desfilam sob nossos olhos, tudo isso e muito mais poderíamos aqui registrar a partir da experiência sensível de cada um de nós diante do que chamamos de natureza.



Ao interagir com elementos naturais, exercitam sua curiosidade, criatividade e sua capacidade de observação, favorecendo também sua percepção espacial e a ampliação do seu repertório cultural, promovendo situações de interação e socialização entre as crianças.

Proporcionar momentos de conexão com a natureza dentro do contexto da Educação Infantil, contribui para o desenvolvimento de sujeitos mais críticos e sensíveis, além de torná-los mais conscientes da importância do meio ambiente. O ambiente natural estimula investigações, promove aprendizagens significativas e possibilita o encantamento pelo mundo vivo.

Além disso, a vivência frequente em ambientes naturais favorece o desenvolvimento integral da criança ao integrar corpo, emoção e cognição em experiências concretas e significativas. Ao manipular elementos como terra, água, folhas, pedras e insetos a criança constrói conhecimentos a partir da experimentação direta, fortalecendo sua autonomia e ampliando suas formas de expressão. Essas interações também contribuem para a construção de vínculos afetivos com o meio ambiente, despertando desde cedo atitudes de cuidado, pertencimento e respeito à natureza.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) reforçam essa perspectiva ao definirem a criança como um sujeito histórico e de direitos que, por meio das interações e brincadeiras, constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade. Ao estabelecer que o currículo deve articular as experiências das crianças com o patrimônio ambiental, as diretrizes legitimam o contato com o mundo natural não apenas como uma atividade recreativa, mas como um direito fundamental para a produção de cultura e identidade pessoal e coletiva.

A prática pedagógica, deve garantir experiências que incentivem a curiosidade, a exploração e o encantamento em relação ao mundo físico e à natureza. Esse processo de investigação mediado pelo professor permite que a criança desenvolva o pensamento científico e a capacidade de indagação, transformando o espaço externo em um laboratório vivo onde o conhecimento se constrói na prática cotidiana, respeitando os ritmos e desejos individuais de cada sujeito.



Descrição da experiência

O tempo e o espaço são dimensões importantes para se pensar a ação docente com crianças da Educação Infantil, sendo fundamental não nos preocuparmos só com o tempo Chronos, mas também estar atento ao tempo Aion, o tempo da experiência e do devir, do inesperado, já que:

[...] o tempo da infância necessita ser palco para a expressão do universo infantil, pois, embora o discurso pedagógico aponte para o compromisso com a escuta e a percepção das crianças como sujeitos históricos, que são capazes de criar, produzir cultura e aprender desde o nascimento a partir das interações que estabelecem, nossas práticas escolares e nossa relação com as crianças ainda se encontram distantes desse discurso. Urge dar tempo às crianças para viverem plenamente as suas infâncias. Sem pressa. Sem antecipações. Sem urgências (ARAÚJO; COSTA; FROTA, 2021, p.10).

Por isso, entendo que as meninas que fecundaram o conjunto de vivências, que deram base a esse texto, vivenciaram um estado de experiência e de alumbramento que o cotidiano nos proporciona todos os dias, sem se preocupar com as amarras do tempo cronológico.

Com isso, pudemos testemunhar e acompanhar as maneiras que três meninas, Manu, Íris e Gabi¹, se expressaram e trouxeram um apanhado de narrativas que deram sequência a uma saga para salvar os besouros que estavam se afogando, como dizem aqui: “olha esses besouros” (Manu), “eu tô com medo” (Íris) e “será que elas voam?” (Gabi). Essas primeiras impressões deram lugar agora às estratégias, como “vou pegar umas folhinhas, ajuda elas subirem” (Íris), “consegui tirar uma, olha!” (Manu), “corre, ele voa...” (Gabi). Essas narrativas trazem bem as impressões iniciais que esses seres impactaram e mobilizaram os sentidos e as ações dessas crianças, os quais, posteriormente, se expandiram para toda turma.

Assim, vivemos os meses de março a maio de 2024 encharcados com as possibilidades de se pensar sobre os insetos do parque, utilizando-nos de diferentes materialidades e linguagens estéticas, além de novos elementos e conhecimentos para (re)elaborar nossas compreensões e percepções sobre esses seres vivos, relacionando-os com a realidade que vivenciamos no dia a dia da pré-escola, seja na sala referência ou seja nos espaços externos, como o parque.

¹ Os nomes de todas as crianças aqui neste texto são fictícios, com o objetivo de salvaguardar suas identidades.

Dessa maneira, após termos observado os momentos de cuidado e sensibilidade vividos pelas meninas acerca dos “besouros alienígenas”, pudemos esboçar um conjunto de experiências que ampliaram o assunto, dando mais subsídios que objetivavam investigar mais ainda sobre esse reino não tão explorado ou discutido, que são os insetos, dando importância ao ser menor.

A primeira ação foi organizar todo o material cultivado, fotografias e gravação das narrativas infantis das crianças, para se criar uma documentação pedagógica (em formato de painel) que desse materialidade visual das imagens e das falas das três meninas do momento ocorrido, com o objetivo de democratizar o que aconteceu e ter acesso às falas, agora, de toda a turma.

Assim, após uma semana do acontecido, já com o material documentativo organizado, transcrito e impresso, na semana seguinte, estruturamos uma roda de conversa com as crianças para tratar do que Manu, Gabi e Íris constituíram em pequeno grupo no parque. As imagens e a leitura das narrativas das meninas aguçaram a curiosidade das outras crianças, fazendo com que elas lembrassem de outros bichinhos que já tinham visto no parque, como formigas, aranhas “pequenininhas”, abelhas, moscas, borboletas, joaninha, etc.

Uma criança chegou a dizer “eu vi elas tentando salvar os bichinhos” e outra perguntou, “você conseguiram salvar os dois?”, ainda outra chega a dizer “eu sempre vejo esses besouros lá, eles voam”.

Com essas falas, tivemos mais elementos de que a temática sobre os insetos do nosso parque era observada pelas crianças no dia a dia da pré-escola, sendo assunto de interesse e discussão entre elas. Ou seja, o que as três meninas vivenciaram também era vivido e sentido pelas as outras crianças da turma, no qual os insetos eram assunto transversal entre todas elas.

A partir dessa constatação, na semana seguinte trouxemos um livro intitulado “Abelhas”, do autor Piotr Socha (2019), que trata sobre o reino desses insetos, mas que também ilustra outros animais que circundam esse reino, como os seus predadores e mais informações sobre o seu habitat e sua vida.

Em seguida, mostramos imagens reais de abelhas e as crianças fizeram desenhos delas. Muitas trouxeram a figura da colmeia, da abelha rainha, das operárias, das flores e do ferrão.



Este foi um momento em que a linguagem do desenho foi fonte aliada para exteriorizar as percepções das crianças sobre esses insetos e fazerem lembrar, também, dos “bichinhos” que elas veem muito em suas casas, como barata, rato e até escorpião, como a Pamela falou: “olha tio, lá em casa sempre sai escorpião do ralo do banheiro e eu tenho que gritar pro meu pai venha me ajudar”.

Com isto, esse momento de diálogo e expressão gráfica trouxe à tona as suas vivências familiares, sendo a escola, aqui, um espaço para partilhar o que elas trazem de experiências e saberes que carregam em suas trajetórias de vida e em suas relações com seus familiares, amigos e vivências em outras ambiências em que elas habitam e pertencem.

Na semana seguinte, ou seja, na terceira ação dessa sequência, trouxemos imagens de vários tipos de insetos que as crianças tinham falado na semana anterior e propusemos a utilização da materialidade da argila, como um importante meio para elas darem forma aos insetos.

Esta vivência foi muita rica por potencializar o que vínhamos acumulando nas discussões anteriores e por nos utilizarmos de outro meio estético/expressivo/poético para dar tangibilidade plástica a estes seres vivos e aos pensamentos infantis. Elas trouxeram narrativas como: “essa argila parece massinha, sabia?”, “eita que me melequei todo, suja a argila, né?”, “eu fiz aqui o escorpião que falei”, “fiz um inseto que nem todo mundo falou, foi a centopeia, olha”, “eu tô fazendo aqui uma borboleta bem bonita, com asas”.

Essas falas trazem toda a capacidade criativa, sensível e imaginativa que meninos e meninas utilizam para comporem suas expressões estéticas e percepções sobre si, sobre o mundo e sobre a vida. Trazer a perspectiva da tridimensionalidade foi bastante rica para pensarmos nesse outro modo plástico de criar/pensar artisticamente (AMARAL, 2020).

Assim, a argila, como materialidade que propõe a tridimensionalidade, favorece mais um caminho nesse percurso que vínhamos construindo sobre as abelhas e os outros assuntos que foram surgindo e se agregando. Ainda, podemos perceber as analogias que algumas crianças fizeram sobre esse material, como algo “sujo”, que lembra “massinha”, ou seja, percepções que a textura, o toque, despertou por meio da sensorialidade, da tatilidade (LE BRETON, 2016).



Nesse momento, também pudemos testemunhar a criança, que havia falado do escorpião na semana anterior, trazer novamente a imagem desse inseto, expressando-o, agora, por meio da argila. Aqui, este material foi um meio condutor para dar materialidade ao que ela vive em casa, o que ela traz em sua história de vida, sobre esse inseto que aparece no banheiro e o seu pai vem socorrê-la.

Por último, na nossa quarta e última ação, tivemos uma experiência que relacionou a linguagem do desenho com elementos da natureza, fazendo, assim, um intercambiamento entre linguagens, sentidos, texturas e reflexões.

Após a roda de conversa, fomos com pratos e panelas para o parque com o intuito de as crianças coletarem galhos e folhas de diferentes tipos e tamanhos. Depois, voltamos para a sala referência e propusemos que colassem esses materiais naturais em uma folha branca. Com isso, a ideia era que elas fizessem desenhos, com canetinhas pretas, tendo as formas das plantas como base para criarem pernas, braços, asas, cabeças, olhos, etc., de insetos. Esse momento foi muito interessante e divertido, em que as crianças riram muito com a possibilidade de desenhar insetos a partir das plantas que escolheram/coletaram no parque.

Assim, pudemos testemunhar falas, como: “bem aqui tá nascendo as formigas” (Levi), “eu tô fazendo uma aranha, porque gosto dela” (Bruno), “olha aqui, minha borboleta com asas” (Mirna) e “eu vou fazer uma centopeia com muitas pernas” (Ricardo).

As narrativas aqui exprimem bem como os elementos da natureza serviram como um bom pano de fundo para as crianças da turma projetarem suas ideias, pensamentos e preferências, apresentando-nos toda a sua capacidade gráfica, criadora e sensível ancorada nessa relação com a natureza, a colagem e o desenho.

Dessa maneira, como nos traz os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil, conforme descritos na BNCC, é fundamental garantir que as crianças tenham oportunidades para explorar diferentes formas de expressão e conhecimento, incluindo gestos, sons, cores, texturas, palavras, emoções e elementos naturais, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Além disso, incentivam o contato com diversas manifestações culturais, como a arte, a escrita, a ciência e a tecnologia (BRASIL, 2017).



Assim, através dessa linha compreensiva, poderemos compreender as relações, as experiências, os espaços, os tempos e os materiais de maneira mais intencional, porque com a interconexão destes poderemos oportunizar momentos mais significativos, tanto para as crianças quanto para os professores que atuam na educação das crianças e infâncias.

Sendo assim, a partir dessa experiência, nutrida com as particularidades despertadas com as crianças dessa turma, foi possível elas ressignificarem elementos, dando um novo sentido e significado, neste caso um novo sentido para as folhas que estavam noquinho.

Considerações Finais

Dessa maneira, as linguagens artísticas são caminhos, veredas e fios que oportunizam às crianças se manifestarem criativamente, imaginativamente, sensivelmente, poeticamente e humanamente, favorecendo que suas singularidades se façam, se materializem e se desenvolvam como fontes importantes para o ser (DUARTE JR, 2000).

Por isso, as múltiplas linguagens que tocam a estesia (desenho, pintura, argila, dança, música) ofertam possibilidades ímpares para que possamos exercer as nossas potencialidades e subjetividades em um espaço, como a Educação Infantil, onde experiências, ambiências e vivências fomentam a nossa construção de si em parceria com o outro.

A escuta atenta ao que as crianças se propõem a dizer no cotidiano da Educação Infantil também se torna fundamental, meio que nos oportuniza pensar diferentes possibilidades e itinerários para a construção de diversos conhecimentos, elaborando e reelaborando estes. Por isso, podemos concluir que as narrativas das crianças são sementes potentes para a germinação de experiências e vivências futuras, servindo como nutrição para a construção de novos conhecimentos, bem como reelaboração destes.

Assim, a docência precisa ter sensibilidade em perceber os indícios atentos e curiosos que meninos e meninas lançam a todo momento em nosso derredor, convocando estarmos na presença, no tempo do devir e na condição de encantamento. Com isso, o adulto se torna parceiro das crianças, respeitando e valorizando o que elas têm a nos dizer, a nos compartilhar. É nessa relação horizontal entre criança-adulto que a constituição do cotidiano na Educação Infantil se dá de modo mais significativo, contextualizado e dialógico.



Ainda, as singularidades de todos os indivíduos são consideradas

Dessa forma, aqui os insetos foram esse mote narrativo/estético/reflexivo que permeou todas as ações experienciais que nos atravessaram nesses meses, embalando a nossa rotina e o nosso olhar aos seres miúdos, mas carregados de possibilidades que incitam os nossos sentidos.

Por fim, que as crianças possam sempre nos acalantar com suas múltiplas atenções sobre o mundo, nos interpelando sempre a (re)ver a vida, (re)descobrir a si e (re)pensar nossas relações consigo e com o outro, estabelecendo, assim, uma constante construção do ser.

REFERÊNCIAS

AMARAL, D. **A expressão criativa da argila com crianças**. São Paulo: Ed. da Autora, 2020.

ARAUJO, J.; COSTA, R.; FROTA, A. De chrónos à aión - onde habitam os tempos da infância?. **child.philo**, Rio de Janeiro , v. 17, e56866, 2021 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-59872021000100207&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 jul. 2024. Epub 02-Maio-2021. <https://doi.org/10.12597/childphilo.2021.56866>.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

DUARTE JR., J. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar, 2000.

FORMAN, G.; FYFE, B. Aprendizagem negociada pelo design, pela documentação e pelo discurso. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 2, cap. 14, p. 249-271.

FOCHI, P. S. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil-OBECI. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072019-131945/pt-br.php>. Acesso em: 8 maio 2024.

LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PEREIRA, M. **Casa redonda**: uma experiência em educação com crianças. São Paulo: Editora Livre, 2019



SOCHA, P. **Abelhas**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

VALERIO, V. G. de A., & Silva, M. R. P. da. (2021). **AS INTERAÇÕES E O BRINCAR NA E COM A NATUREZA: CONSTRUINDO UMA INFÂNCIA DESEMPAREDADA NA CRECHE**: Building an unpaired childhood na creche . Interfaces Científicas - Educação, 10(3), 407–423. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2021v10n3p407-423>

VIGOTSKI, L. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Pós-Graduação em Pedagogia